

INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

316.3eAR. f*Por 46491

BIBLIOTECA

PORTUGAL SOCIAL de A a Z TEMAS EM ABERTO

Organização de

José Luís Cardoso

Pedro Magalhães

José Machado Pais

Uma edição
Comemorativa:



Uma obra editada para:

Impresa Publishing | Expresso
Rua Calvet de Magalhães, 242
2770 – 022 Paço de Arcos
www.expresso.sapo.pt

Título: Portugal Social de A a Z – temas em aberto

Organização editorial: José Luís Cardoso, Pedro Magalhães, José Machado Pais

Direção de Projetos Editoriais Impresa Publishing: Henrique Monteiro

Direção Expresso: Ricardo Costa

Direção de Marketing: Mónica Balsemão

Gestora de Marca: Susana Freixo

Revisão editorial: Inês Versos

Apoio editorial: Mafalda Vieira e Frederico Silva

Capa e paginação: Rita Múrias e Paulo Barata Corrêa

Impressão e acabamento: Norprint

ISBN: 978-989-20-4232-9

Depósito legal: 365002/13

Impresso em Outubro 2013

- 07 **NOTA DE ABERTURA.**
JOSÉ LUÍS CARDOSO, PEDRO
MAGALHÃES E JOSÉ MACHADO PAIS
- 09 **AMBIENTE**
LUÍSA SCHMIDT
Comentário: *Filipe Duarte Santos*
- 21 **BEM-ESTAR**
JORGE VALA
Comentário: *José António Pereirinha*
- 35 **CIDADANIA**
FILIPE CARREIRA DA SILVA
Comentário: *Elísio Estanque*
- 45 **DESENVOLVIMENTO**
JOSÉ LUÍS CARDOSO
Comentário: *João Ferreira do Amaral*
- 57 **EDUCAÇÃO**
ANA NUNES DE ALMEIDA
E MARIA MANUEL VIEIRA
Comentário: *Eduardo Marçal Grilo*
- 70 **FAMÍLIA**
KARIN WALL, VANESSA CUNHA
E SUSANA ATALAIA
Comentário: *Maria das Dores Guerreiro*
- 82 **GERAÇÕES**
MANUEL VILLAVERDE CABRAL
Comentário: *Ana Alexandre Fernandes*
- 94 **HISTÓRIA E MEMÓRIA**
RUI RAMOS
Comentário: *Pedro Mexia*
- 105 **IMPÉRIOS**
NUNO GONÇALO MONTEIRO
Comentário: *Pedro Cardim*
- 118 **JUSTIÇA**
NUNO GAROUPA
E SUSANA SANTOS
Comentário: *António Araújo*
- 130 **KITSCH**
JOSÉ MACHADO PAIS
Comentário: *Maria do Carmo Serén*
- 141 **LAZERES**
VITOR FERREIRA E RUI TELMO GOMES
Comentário: *Vitor Belanciano*
- 154 **MIGRAÇÕES**
JOÃO PEIXOTO
Comentário: *Gilberta Pavão Nunes Rocha*
- 166 **NAÇÃO E NACIONALISMO**
ANTÓNIO COSTA PINTO
Comentário: *Nuno Severiano Teixeira*
- 177 **ORÇAMENTO DE ESTADO**
PAULO TRIGO PEREIRA
Comentário: *António Bagão Félix*
- 191 **POBREZA**
CARLOS FARINHA RODRIGUES
Comentário: *Manuela Silva*
- 206 **QUALIDADE DA DEMOCRACIA**
PEDRO MAGALHÃES
E LUÍS DE SOUSA
Comentário: *Rui Tavares*
- 221 **RELIGIÕES**
CRISTIANA BASTOS
E JOÃO VASCONCELOS (ORGS.)
Comentário: *José Tolentino de Mendonça*
- 233 **SEXUALIDADE**
SOFIA ABOIM
Comentário: *Michel Bozon*
- 245 **TERRITÓRIO**
JOÃO FERRÃO
Comentário: *António Manuel Figueiredo*
- 261 **UNIVERSIDADE**
ANTÓNIO SAMPAIO DA NÓVOA
Comentário: *João Lobo Antunes*
- 271 **VALORES**
CÍCERO PEREIRA E ALICE RAMOS
Comentário: *João Ferreira de Almeida*
- 285 **WEB**
HERMÍNIO MARTINS
E JOSÉ LUÍS GARCIA
Comentário: *José Vitor Malheiros*
- 296 **XADREZ POLÍTICO**
MARINA COSTA LOBO
Comentário: *Vasco Barreto*
- 306 **YES! WE ARE! QUEM SOMOS?
UMA IDENTIDADE NACIONAL**
JOSÉ MANUEL SOBRAL
Comentário: *Augusto Santos Silva*
- 319 **ZONA EURO**
PEDRO LAINS
Comentário: *António Afonso*
- 331 **BIOGRAFIAS**
Autores e Comentadores

R

Religiões

Cristiana Bastos
e João Vasconcelos (orgs.)

Uma crescente pluralidade de minorias religiosas coexiste hoje com o catolicismo em Portugal. Às igrejas somam-se outros templos, mesquitas, terreiros e mais lugares de culto onde as comunidades rezam em diferentes línguas e posturas, onde uns e outros se encontram, reforçam pertenças e celebram identidades. Mas o catolicismo é de longe a religião da maioria.

Em 2011, declaravam-se católicas quatro em cada cinco pessoas, metade delas frequentando a igreja pelo menos uma vez por mês¹. Seguindo tendências de longa duração que se relacionam com a geografia desigual da malha eclesiástica e da inserção social do clero, é no Norte do país que mais pessoas se declaram católicas: 90%, contra 60% no Algarve. A hegemonia do catolicismo é tão antiga quanto a nação, nascida da *Reconquista Cristã* nos séculos XII e XIII; e a proximidade da Igreja de Roma ao poder político ajudou a silenciar e banir muçulmanos e moçárabes, mais tarde judeus, e mais tarde ainda diversas vagas de protestantismo. Só a República, em 1910, veio garantir o pluralismo religioso, ao mesmo tempo que atacou radicalmente a Igreja Católica, nacionalizando os seus bens, deixando de subsidiar o clero, restringindo

¹ Estes números, tal como os que se apresentam em seguida, são retirados do mais recente e completo estudo sobre identidades religiosas em Portugal, realizado em 2011 pelo Centro de Estudos de Religiões e Culturas e pelo Centro de Estudos e Sondagens de Opinião da Universidade Católica Portuguesa Teixeira 2012.

o culto público e o ensino religioso, e introduzindo o registo civil obrigatório, que dispensava a legitimação eclesiástica dos atos referentes ao nascimento, ao matrimónio e à morte, e instituiu além disso o divórcio. Contudo, só depois de 1974 é que o pluralismo se concretizou plenamente. Se algumas igrejas evangélicas «históricas» (Batista, Metodista, Presbiteriana e Lusitana) puderam atuar legalmente durante o Estado Novo, outras (Assembleias de Deus, Adventistas do Sétimo Dia) sofreram limitações, tendo o espiritismo sido perseguido desde 1953 e as Testemunhas de Jeová desde 1961.

A liberdade de culto pós-25 de abril e a chegada de populações das ex-colónias propiciaram a expansão de religiões antes residuais ou inexistentes – islão, hinduísmo, budismo, neopentecostalismo, cristianismo ortodoxo, cristianismo africano, candomblé, umbanda, e outros. Os seus seguidores concentram-se nas zonas metropolitanas, em especial na de Lisboa, e o seu número tende a aumentar, com concomitante decréscimo do número dos que se declaram católicos, que de 86,9% em 1999 passaram para 79,5% em 2011, enquanto os crentes de outras religiões passaram de 2,7% para 5,7%, e os indiferentes, agnósticos, ateus e «crentes sem religião» aumentaram de 8,2% para 14,2%. Entre os que se declaram sem religião, muitos consideram-se mesmo assim crentes: a individuação religiosa, combinando crenças e práticas variadas, é um fenómeno contemporâneo frequente.

A Igreja Católica e o Estado²

A Igreja Católica em Portugal organiza-se em vinte dioceses, agrupadas em três províncias: o patriarcado de Lisboa e as arquidioceses de Braga e Évora. Da sua estrutura fazem ainda parte o Ordinariato Castrense, presidido pelo bispo das Forças Armadas e de Segurança, e o Opus Dei, prelatura pessoal representada no país por um vigário regional. O clero diocesano ou secular é composto por cerca de 2.800 sacerdotes. Os religiosos que professam em ordens, por sua vez, são cerca de mil, número que se tem mantido relativamente constante, ao contrário do número de sacerdotes seculares, que diminuiu quase para metade desde 1970. A tendência de redução dos quadros da Igreja e de vocações sacerdotais é comum a toda a Europa e a boa parte da América, e contrasta com o crescimento que se regista em África e na Ásia.

² Autoria de João Vasconcelos.

As relações entre a Santa Sé e o Estado português são reguladas pela Concordata de 2004, que substituiu a de 1940, firmada em pleno Estado Novo. Embora esta garantisse a hegemonia da Igreja católica em Portugal e nas suas colónias de então, fazia depender a nomeação dos bispos de aprovação do Governo. O acordo hoje em vigor estabelece maior independência entre o Estado e a Igreja de Roma, concedendo ainda assim a esta última alguns benefícios que outras igrejas não possuem.

Deve-se à Igreja católica o funcionamento de uma rede densa de instituições de assistência social, ensino e saúde em todo o território do país. No domínio da assistência social, em particular, as instituições ligadas à Igreja são vitais para suprir carências das instituições estatais.

Devoções e rituais católicos³

A longa hegemonia da Igreja Católica numa sociedade tradicionalmente camponesa fez com que a religiosidade católica se entranhasse na vida quotidiana, em particular na ritualização dos ciclos e das crises da vida comunitária, familiar e pessoal – um catolicismo orgânico partilhado com a Europa mediterrânica, mais enraizado no norte e interior do país do que no sul e nas cidades. Dele fazem parte o batismo, a primeira-comunhão, o casamento e o funeral católicos, ritos e sacramentos que são também momentos de socialização familiar e grupal de passagens significativas no ciclo de vida, mesmo para não praticantes. Sete em cada dez crianças recebem batismo católico e perto de metade dos casamentos celebra-se «pela Igreja». O cuidado dos mortos através da visita aos cemitérios no dia de Todos os Santos vem diminuindo em meio urbano, onde em contrapartida cresce a popularidade da cremação.

Peregrinações, romarias e festas do santo padroeiro interligam o culto católico com tempos significativos da vida comunitária. Cerca de metade centra-se no culto de Maria, em Nossas Senhoras individualizadas e localizadas em território específico: Aparecida, da Lapa, da Penha, de Fátima, dos Remédios, da Saúde. Muitos santuários marianos têm histórias antigas; outros nasceram ou foram revitalizados pela Igreja a partir de meados do século XIX, época de fomento eclesiástico do culto da Virgem. Festas do padroeiro e romarias concentram-se nos meses de verão, facilitando a revistação da terra natal por quem trabalha longe. A recente vaga de patrimonialização da cultura popular rural, muitas vezes estratégia de um

³ Autoria de João Vasconcelos.

desenvolvimento local orientado para o turismo, generalizou a folclorização de festividades e a reinvenção de tradições em desuso.

Práticas religiosas típicas dos locais de peregrinação e romaria, as preces e as promessas orientam-se para a resolução de crises de vida (na saúde e nos planos familiar e laboral). Quem mais reza e promete aos santos são as mulheres, muitas vezes em nome de filhos, netos, maridos. Ao longo do século XX, a Igreja reprimiu práticas votivas que contrariavam a sensibilidade burguesa em ascensão, especialmente as que mais dramatizavam o sofrimento, comutando-as por missas, orações e oferendas pecuniárias. Nas décadas de 1930 e 1940 decorreu uma campanha eclesiástica de *recristianização das romarias* que visou, com sucesso, suprimir certas práticas festivas da cultura camponesa vistas como desordeiras, indecentes e pagãs.

Ontem e hoje, o catolicismo impregna também cultos e práticas religiosas que se desenvolvem à margem da Igreja e por vezes com a sua oposição. Videntes, santas jejuadoras, corpos incorruptos e médicos amigos dos pobres consubstanciam modelos de santidade que têm dado origem a cultos em vida ou póstumos. Alguns, como o de Alexandrina de Balasar e o da Sãozinha da Abrigada, acabam por ser legitimados pela Igreja. Outros permanecem fora da sua alçada, como é o caso dos cultos da Santinha de Arcozelo, da Santa da Ladeira do Pinheiro e do Doutor Sousa Martins.

Fátima e o apocalipticismo católico⁴

No quadro histórico em que se gerou o fenómeno do apocalipticismo contemporâneo avultam as duas guerras mundiais, as perseguições ocorridas nos regimes totalitários, as primeiras utilizações do armamento nuclear e a guerra fria. A esses grandes focos de ansiedade coletiva foram acrescentando outros temas na segunda metade do século XX: novos meios de destruição maciça, ameaças de catástrofes ambientais e epidemias planetárias, guerras locais e terrorismo internacional. Perante a abundância de motivos de ansiedade, o profetismo catastrofista e o ancestral apocalipticismo (religioso ou secular) continuam bem vivos no mundo atual.

No plano religioso, o apocalipticismo católico contemporâneo está associado ao culto mariano (papel central atribuído à Virgem, figura maternal e protetora, intercessora junto de Deus e sua mensageira) e ao fenómeno das aparições, cenário da transmissão de profecias apocalípticas aos videntes.

⁴ Autoria de José Barreto.

As mensagens divinas transmitidas pela Virgem – contendo admoestações aos pecadores pelas ofensas feitas a Deus, apelos à penitência reparadora e avisos sobre terríveis castigos iminentes – estão intimamente relacionadas com as catástrofes realmente verificadas ou com novas ameaças temidas pelos crentes. O castigo divino tomaria a forma de guerras, cataclismos ou perseguições que poderiam atingir a Igreja e o próprio papa.

Tal profetismo mergulha as suas raízes nas aparições de La Salette (1846), com a primeira mensagem de conteúdo apocalíptico alegadamente comunicada pela Virgem a dois pastorinhos. Há profecias desse tipo muito anteriores, mas estas estabeleceram um modelo recorrentemente observado ao longo do século XX em aparições ocorridas em Portugal, Espanha, Bélgica, Itália, América Latina, Estados Unidos, etc. Os relatos da vidente portuguesa Lúcia (aparições de Fátima, 1915-1917 e de Tuy e Pontevedra, anos 1920-30) moldaram-se genericamente pelo modelo salettiano, claramente assinalável no conteúdo apocalíptico do chamado segredo de Fátima, que por sua vez influenciou o visionarismo católico ulterior à escala mundial.

Ser judeu em Portugal⁵

Trezentos anos de Inquisição apagaram quase por completo o judaísmo em Portugal, com exceção de pequenas comunidades de criptojudeus – os marranos. No século XIX retornaram ao país algumas famílias sefarditas vindas de Marrocos e Gibraltar, instalando-se nos Açores, em Lisboa e em Faro. A estes juntaram-se judeus askenazi fugidos dos *progroms* do Leste europeu, e mais tarde fixaram-se alguns dos refugiados da II Guerra que transitaram por Lisboa em fuga do Holocausto. A abertura à União Europeia aumentou e diversificou as comunidades existentes. Portugal conta hoje com três congregações judaicas oficialmente estabelecidas e com sinagoga: Lisboa e Porto, de rito ortodoxo sefardita de tradição de Leão e Castela misturado com cantos e orações askenazi, e Belmonte, onde a maioria dos membros são marranos reiniciados na ortodoxia também sefardita e que, além da sinagoga, conseguiram um cemitério e um museu judaico. Além destas, existe a comunidade masorti de Lisboa, Beit Israel, de rito conservador, onde se reúnem judeus *anussim* (descendentes de cristãos-novos ou marranos), umas escassas dezenas de judeus no Algarve, que alugam espaços para as principais festividades, e pequenos núcleos de marranos

⁵ Autoria de Marina Pignatelli.

espalhados pelo nordeste beirão e transmontano que mantêm práticas sincréticas e não são reconhecidos pela ortodoxia. Os judeus portugueses são na maioria laicos (exceto em Belmonte) mas, apesar de heterogêneas e fechadas, temendo a sempre iminente ameaça da assimilação, as suas comunidades são coesas, bem integradas no tecido social português e compostas por indivíduos partilhando um forte sentimento de pertença étnica – uma identidade judaica plural.

Muçulmanos portugueses e em Portugal⁶

De acordo com representantes institucionais, estima-se que em Portugal o número de cidadãos de religião islâmica (sunitas e ismaelitas) rondará as 55 000 pessoas. Entre os sunitas verifica-se uma enorme diversidade nacional, linguística e doutrinária; com uma larga parte de cidadãos portugueses com ligações aos antigos territórios coloniais (Moçambique, Guiné-Bissau), ou convertidos, o panorama diversificou-se com a chegada de populações de países de maioria islâmica (Bangladesh, Paquistão, Senegal, Guiné-Conacri, alguns destes de nacionalidade portuguesa).

Em termos doutrinários, a diversidade é mais uma vez a nota dominante. Deobandis (reformistas oriundos da Ásia do Sul), barelvis (culto de *pirs* ou homens santos no Subcontinente Indiano), *mouros* ou *marabouts* (culto dos homens santos na África Ocidental), mourides (ordens marabouticas centradas no Senegal) exemplificam a variedade de práticas cerimoniais, formações discursivas e perspetivas teológicas.

Segundo a Comunidade Islâmica de Lisboa (CIL) existem mais de trinta mesquitas e salas de culto espalhadas por todo o país – desde templos construídos para o efeito, como a mesquita do Laranjeiro, a Central de Lisboa ou a *Aisha Siddiqui* (Odivelas), a salas de culto instaladas em apartamentos que servem pequenas congregações, passando por armazéns adaptados (como a mesquita *Baitul Mukarram*, ao Martim Moniz, onde mais de quinhentos crentes rezam à sexta-feira). Todas estas mesquitas servem congregações variadas tanto em termos linguísticos (português, urdu, bengali, francês, entre outros) como doutrinários (deobandis, barelvis, mourides, etc.) e, excluindo ocasionais apoios do Estado e da CIL, resultam de esforços financeiros e organizacionais desenvolvidos pelas próprias congregações. A consolidação de uma infraestrutura para o islão e os muçulmanos no espaço público português incluiu a criação de

⁶ Autoria de José Mapril.

A
B
C
D
E
F
G
H
I
J
K
L
M
N
O
P
Q
R
S
T
U
V
W
X
Y
Z

talhões islâmicos em cemitérios (Lumiar, Feijó), a criação de escolas com curricula religioso e secular, e a organização (por parte da CIL) de programas de televisão e de rádio, no quadro da nova lei de liberdade religiosa de 2006. Até ao final da década de setenta, as ideias religiosas transmitiam-se dentro das famílias, contando estas com o apoio de «professores móveis»; desde 1980, a educação religiosa tornou-se progressivamente institucionalizada, assente em aulas de recitação, colégios privados (*Dar-ul-Ulooms*), uma editora (*Al-Furqan*), associações socioculturais e fóruns e conferências.

A presença hindu⁷

A presença hindu em Portugal está ligada à história colonial e reflete o modelo migratório entre antigas colónias e ex-metrópoles. Mais uma consequência do processo de descolonização de Moçambique do que da ligação à denominada «Índia Portuguesa», a ampliação da população hindu acontece no pós-25 de abril, diluindo-se a especificidade desse movimento migratório no contingente maior que entra nesse período em território nacional. Estas populações fixam-se em zonas urbanas, sobretudo na área metropolitana de Lisboa, em locais como Santo António dos Cavaleiros ou em bairros como a Quinta da Vitória e o Vale do Areeiro e, apesar da heterogeneidade relativa das suas trajetórias ocupacionais, elas são especialmente visíveis em zonas comerciais com baixo valor imobiliário, como a do Martim Moniz.

É também nestas zonas de maior concentração residencial que encontramos os principais espaços cerimoniais. O Templo Radha Krishna, no Lumiar, pela sua história e dimensão, e pelas funções sociais que desempenha, é um dos espaços onde, de modo mais evidente, convergem e se cruzam um processo remigratório complexo, com recomposição de redes de sociabilidade interfamiliares e de práticas culturais diversas, e uma monumentalidade singular hindu. Por força da sua cronografia diaspórica, a prática, os rituais e o universo de sentidos religiosos hindus possuem um carácter descentralizado ao qual não é alheia uma forte vivência doméstica da experiência e do costume religioso. A presença da Comunidade Hindu de Portugal no espaço público é visível nalgumas celebrações mais importantes, como o *Diwali*, e na participação em iniciativas de promoção do diálogo inter-religioso.

⁷ Autoria de Nuno Dias.

Igrejas protestantes e outras igrejas cristãs⁸

Em parte como efeito do revivalismo evangélico do século XIX, as igrejas protestantes históricas foram chegando a Portugal com missionários presbiterianos (1838), metodistas (1871), darbistas (1877), batistas (1888), congregacionalistas (1888) e episcopistas (1839). Aos últimos juntaram-se pastores anglicanos e padres portugueses dissidentes para fundar a Igreja Lusitana (1880). Em 1922, formou-se a Aliança Evangélica Portuguesa. Legalizada em 1935, a AEP agrega a maior parte das igrejas protestantes históricas e pentecostais, constituindo uma forte representação política dos evangélicos até os dias de hoje.

A difusão do pentecostalismo – movimento que valoriza os «dons do Espírito Santo» – iniciou-se em 1923, com o retorno de portugueses convertidos no Brasil e com o apoio de missionários suecos. As Assembleias de Deus são hoje a maior igreja pentecostal em Portugal, em número de templos e seguidores. Caracterizam-se por uma estrutura descentralizada e uma forte penetração em comunidades locais, criando redes estreitas de sociabilidade e solicitando o comprometimento do convertido aos valores e práticas cristãos.

As igrejas chamadas neopentecostais – com forte disposição para o proselitismo através dos meios de comunicação de massa, propostas rituais direcionadas à prosperidade e à cura, e cultos que incluem orações fortes e exorcismos – têm como principais representantes a brasileira Igreja Universal do Reino de Deus (1989) e a portuguesa Igreja Maná (1984). Os dois grupos religiosos causaram uma forte reação social na década de 1990, pelas suas estratégias proselitistas agressivas, uso do dinheiro como elemento ritual e acusações de enriquecimento ilícito e charlatanismo. Após reverem a sua postura na esfera pública, continuam oferecendo cultos com objetivos específicos que visam solucionar adversidades quotidianas, atraindo um bom número de pessoas, maioritariamente imigrantes africanos.

As Testemunhas de Jeová não são uma igreja protestante, mas são a denominação cristã com mais seguidores em Portugal, atrás da Igreja católica. Estabeleceram-se em 1925, foram perseguidas no Estado Novo, e mantêm-se em crescimento. Outras denominações cristãs não protestantes presentes no país, tal como as Testemunhas de Jeová fundadas nos E.U.A no século XIX, são a Igreja Adventista do Sétimo Dia (desde 1911) e a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (desde 1975).

⁸ Autoria de Claudia Wolff Swatowski.

Cristianismo africano⁹

A presença cristã africana em Portugal é marcada por uma constante mutação. Em parte segue padrões que reproduzem a demografia das migrações dos PALOP para Portugal: cabo-verdianos, angolanos e são-tomenses maioritariamente cristãos na sua origem e divididos entre o campo católico e o protestante; migrantes da Guiné-Bissau maioritariamente muçulmanos, com presença crescente no campo evangélico. Mas existe também toda uma diversidade de formas de participação individual em igrejas tradicionais (católica, presbiteriana, Assembleias de Deus), em igrejas de origem africana (Igreja Tokoista, Igreja Kimbanguista, Assembleia de Deus Pentecostal do Makulusso), e ainda em igrejas internacionais (IURD, Igreja do Nazareno, Igreja de Deus) ou portuguesas (Centro Cristão Vida Abundante), bem como na criação de igrejas em território português (Associação Cristã Templo de Deus). O pluralismo define-se além disso por via da circulação, característica distintiva das comunidades migrantes africanas: circulação pelo território urbano (por exemplo, entre espaços lisboetas como o Martim Moniz, Alvalade e os concelhos suburbanos), mas também no espaço europeu (através do qual se estendem redes familiares) e no eixo Europa-África, beneficiada pelas condições políticas internacionais.

Religiões afro-brasileiras¹⁰

As religiões afro-brasileiras surgiram em Portugal após a instauração da liberdade religiosa pós-25 de abril de 1974 e têm-se expandido bastante. Existem em 2013 mais de cinquenta terreiros (casas de cultos), representativos de múltiplas variantes destas religiões, com claro predomínio do candomblé *keto* e sobretudo da umbanda. Muitos dos líderes destes terreiros são brasileiros, e vários terreiros funcionam como «sucursais» de casas-mãe existentes no Brasil. Outros são portugueses, que invocam a sua iniciação ou progressão na carreira religiosa no Brasil, ou então as suas ligações biográficas a Angola ou Moçambique, para reivindicarem o seu estatuto como líderes religiosos. Os terreiros são frequentados maioritariamente por portugueses (aderindo os brasileiros às igrejas evangélicas) que, através do culto aos *orixás* e da consulta com as entidades (*caboclos*, *pretos-velhos*, entre outros) incorporadas em médiuns, aí buscam ajuda

⁹ Autoria de Ruy Llera Blanes.

¹⁰ Autoria de Clara Saraiva.

para a resolução de situações de crise e problemas variados. A expansão dos cultos afro-brasileiros em Portugal entronca em práticas ritualísticas ligadas à presença dos «tradicionais» bruxos e *corpos abertos*, componentes importantes da chamada «religiosidade popular» portuguesa. Deste modo, essa expansão parece refletir uma apetência por alternativas ao catolicismo que proporcionem formas mais imediatas e sensoriais de comunicação com o divino. A maioria dos terreiros organiza-se em associações, que procuram legitimação legal para estas religiões. Enquanto o candomblé, de raízes mais africanas, levanta questões relacionadas com a legalidade dos sacrifícios e oferendas animais, a umbanda, com um *ethos* baseado na elevação espiritual através da caridade e do amor ao próximo, e com uma iconografia repleta de santos católicos, entra menos em choque com as práticas religiosas domina

Uma enumeração incompleta

Várias outras religiões completam o panorama do país de hoje. Igrejas ortodoxas diversificam o cristianismo praticado em Portugal; centros ismaelistas multiplicam os caminhos do islão; pequenos altares e outros sinais revelam a difusão do budismo, cuja vertente tibetana tem sido uma presença discreta mas constante nas últimas décadas, tendo na União Budista Portuguesa um órgão agregador e de larga representação; movimentos *new age* trazem novas entidades, práticas e devoções que coexistem com ideias e práticas religiosas mais antigas e consolidadas. A busca de poderes mais fortes que os humanos, imanentes ao mundo ou projetados na transcendência, prossegue caminhos que não param de se multiplicar, e o esforço de os mapear é por isso sempre incompleto.

Referências Bibliográficas

- Barreto, José, 2002. *Religião e Sociedade – Dois ensaios*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Bastos, Susana Trovão Pereira e Bastos, José Gabriel Pereira, 2001. *De Moçambique a Portugal: reinterpretações identitárias do hinduísmo em viagem*. Lisboa: Fundação Oriente.
- Blanes, Ruy Llera, 2008. *Os Aleluias: Ciganos Evangélicos e Música*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Marcocci, Giuseppe e Paiva, José Pedro, 2013. *História da inquisição portuguesa, 1536-1821*. Lisboa: Esfera dos Livros.
- Mapril, José, 2012. *Islão e Transnacionalismo: Uma Etnografia entre Portugal e o Bangladesh*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Pais, José Machado; Cabral, Manuel Villaverde e Vala, Jorge (coords.), 2001. *Atitudes e práticas religiosas dos portugueses*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Pordeus, Ismael, 2009. *Portugal em Transe: Transnacionalização das Religiões Afro-Brasileiras*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

A
B
C
D
E
F
G
H
I
J
K
L
M
N
O
P
Q
R
S
T
U
V
W
X
Y
Z

- Reis, Bruno Cardoso, 2006. *Salazar e o Vaticano*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Teixeira, Alfredo (org.), 2012. *Identidades religiosas em Portugal: ensaio interdisciplinar*. Prior Velho: Edições Paulinas.
- Teixeira, António Coelho, 2007. «História do Budismo em Portugal e da união budista portuguesa», *Revista Lusófona de Ciência das Religiões* VI (11): 225-244.
- Tiesler, Nina Clara, 2011. *A Morada de Ser: Muçulmanos na Europa e políticas de identidade*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Vasconcelos, João, 1996 (1.º vol.) e 1998 (2.º vol.). *Romarias: um inventário dos santuários de Portugal*. Lisboa: Olhapim.
- Vilaça, Helena, 2006. *Da Torre de Babel às terras prometidas: pluralismo religioso em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento.